



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director e Editor: PADRE CARLOS

Redacção e Administração: CASA DO GAIATO — Paço de Sousa

Composto e Impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Propriedade da OBRA DA RUA

Criaditas dos Pobres

Festa do Arcanjo Rafael. O Ofício e a Missa deste dia estão cheios de vida discretamente heróica do justo Tobias, a qual foi testemunho permanente de confiança providencial e caridade.

Repete-se à maneira de refrão: «Quando rezavas com lágrimas e sepultavas os mortos e deixavas a tua refeição e ias esconder em tua casa os mortos para, de noite, os enterrares, eu tomei a tua oração e ofereci-a ao Senhor».

As Criaditas, à semelhança de Tobias, dão testemunho em sua vida tão escondida e difícil, da mesma confiança e da mesma Caridade. Vivem do que Deus lhes dá. Nem sequer procuram. Esperam. Esperam «activamente», como Pai Américo gostava de dizer. E este advérbio «activamente» realizou-se na Caridade.

Também elas deixam a comida sobre a mesa e vão acudir. Não são os mortos, que lei iníqua proibia de sepultar. São os vivos, que leis de boa vontade ainda não lograram desenterrar dos lugares de morte onde habitam. E as Criaditas, que não são de leis, nem sabem delas, além da Lei do amor, elas vão, esquecidas de si mesmas, servir, como Jesus, o Mestre que veio ensinar a servir.

— Continua na segunda página —

CALVÁRIO

AQUI é o paraíso terreal. Quem aprecie ou necessite de repouso é em Beira. O próprio dia é cheio de quietação. Nem comboio, nem automóveis, nem fábricas... A civilização técnica ainda não chegou aqui. Porém, a noite é um mergulhar total fora da vida. Ouve-se uma espécie de eco que sai da terra como o som dum búcio. «Ouve-se o silêncio», para usar a expressão graciosa de Monsenhor Pereira dos Reis.

Eu já lá dormi duas noites, só duas noites. Dormi, não. Desapareci.

Aquelas horas de sono valeram por muitas das noites vulgares, tal o rendimento do descanso. A manhã seguinte trouxe-me um pensamento de ressurreição.

Ora o Calvário é isto mesmo: um lugar de ressurreição. Muitos hão-de encontrar a vida de que já tinham perdido o sabor. Todos hão-de achar a «Vida» que ressurgiu da vida que morreu.

Já assim foi no Monte Calvário, naquele tempo. Cristo perdeu a vida para A retomar após três dias e A dar aos homens.

Calvário foi e continua sendo a semente da Ressurreição.

O pequenino hospital já tem pavimento no primeiro andar e divisões no rés do chão. A segunda casita residencial está no telhado. Não é já, mas em poucos meses chega a hora dos primeiros doentes. Quem será ali então para atender e os curar?

É a hora dos «cireneus» ouvirem a Voz que não há-de clamar no deserto. Há Hospital. Há residências. Há uma quinta que Deus ali pôs propositadamente. Não acredito que faltem os «tocados», os irremediavelmente tocados pelo Amor. Queremos «incuráveis» a tratar dos incuráveis. Ali, mais do que em nenhuma outra Casa, não é lugar de mercenários. Só bons pastores serão capazes de arriscar a vida por suas ovelhas.

Esta é a hora deles. A hora de

— Continua na 2.ª página —

A minha presença na Igreja da Trindade do Porto, na véspera do enterro do Padre Américo, e a missa de corpo presente na capela dos Gaiatos em Paço de Sousa, no dia imediato, tiveram fundamento na velha amizade que nos ligava.

Conheci o Padre Américo anos antes de ele pensar em ser padre: Foi na cidade da Beira, em Moçambique. Não tinha ainda estalado a guerra de 1914 quando chegou a este porto com um vapor fretado pela firma Rosa Cabral para um carregamento de milho destinado à Europa. Foram milhares de sacos.

Preso ao vapor, cujo desembarço alfandegário corria por sua conta, não dispôs, na altura, de tempo para uma visita à Escola de Artes e Ofícios, que admirou ao passar-lhe pela frente, quando, num passeio de trole, levou o Comandante do vapor a ver a Beira, que não conhecia.

Os nossos encontros foram sumários e de ocasião, mas desde então ficámos amigos para sempre.

No Chinde, por onde tinha começado a sua vida de aventureiro africano, empregou-se numa companhia inglesa de navegação, a «African Lakes», encarregada do transporte fluvial de mercadorias para a Niassalândia, e o Américo era o seu despachante.

A banda de música da Escola de Artes e Ofícios tinha-lhe despertado simpatias ao vê-la desembarcar neste porto para, em vapor, subir a embocadura do Zambeze, na recepção festiva preparada ao Governador Geral, Freire de Andrade, quando descia o rio, depois de haver visitado Tete. A boa apresentação dos garotos africanos, desta vez nas festas popu-



Uma entrega de casas. Hora de meditação.

lares organizadas por uma Comissão do Chinde, tinham-lhe antecipado a admiração pela obra dos missionários franciscanos da Beira, que transformava abandonados e rudes rapazes do mato em civilizados e apreciados artistas dos vários mesteres ensinados na Escola da Missão.

A profunda impressão daqueles tempos avivou-se-lhe ao passar pela Beira, na visita

FACETAS DE UMA VIDA

feita a Moçambique em 1952. A carta que de lá me enviou por avião diz assim:

«Beira. Colégio de Artes e Ofícios. 9 de Setembro de 52.

Meu queridíssimo Amigo e Sr. D. Rafael. Seria difícil senão impossível dizer-lhe o que sinto ao ter hoje celebrado na Igreja do «Padre Rafael da Beira». Tudo ainda tão quente, tão actual, tão urgente! Coloquei o nome de V. Ex.ª na patena.

Deixe que beije as Suas mãos: Padre Américo».

Foi a amizade a trasbordar que lhe ditou a carta.

A Companhia inglesa, depois de haver sido aberto o tráfego do «Trans-Zambézia Railway», vendeu seus barcos ao Caminho de Ferro, e o Américo deixou o Chinde.

Em 25 de Maio de 1915, de novo me encontro com o Américo a bordo do vapor «Durkam Castle». Ele partia de Lourenço Marques para Portugal em visita à família, e eu seguia para Durban, no Natal, em visita às Missões dos Trapistas, cuja organização me interessava conhecer. Foi um dia de viagem que fizemos juntos.

Bastaria este preâmbulo para uma suficiente explicação da minha presença nas manifestações piedosas de lágrimas pela perda do Padre Américo.

Outros episódios se deram mais tarde, que completam quanto fica dito e que tiveram influência, talvez decisiva, no rumo da vida do Américo, despachante dos vapores da Companhia Nacional, de que era agente a firma Breyner &

— Continua na 2.ª página —

AQUI, LISBOA!

NESTA temporada de inverno antecipado começam as queixas dos maiores por via das camisas mal engomadas. Sucede frequentemente tratar-se de atraso na secagem da roupa e também vezes sem conta de pouco cuidado nos responsáveis pela dita. Para averiguar a presente razão do facto entro na rouparia. Em cima de pilhas de roupa lavada, apoiam-se queixos miudinhos de rostos alegres. São os roupeiros com ar tranquilo de quem tudo tem em ordem. Mas longe disso! A razão das queixas tem ali sua raiz, porque os montes de roupa estão como o desleixo os fez. Por isso desato a ralhar que não pode ser. E todos se desculpam com o Edmaro, sentado na penumbra da sala em cadeira de lona, com brinquedos à roda... «O tipo faz rir a gente!»

O Edmaro é um rapaz optimista ainda que anormal, com a agravante de sofrer de paralisia infantil. Orfão de mãe desde os três anos, foi despedido pelo pai que o abandonara numa barraca onde os insectos o corroíam. O corpo deste indefeso ainda está marcado das feridas que as moscas abriam.

Foi curado num hospital dos leves ferimentos que o abandono fez surgir neste corpo paralizado.

Entretanto é despedido por não ser ali verdadeiro lugar para anormais. Todo o homem,

tem direito à existência, seja válido ou não. Quando aquele o não é compete à família sofrer o encargo duma vida que é peso, mas lhe pertence naturalmente. Se esta não o suporta por circunstâncias várias, compete à sociedade o dever de justiça de olhar por um dos seus membros. Mas sucede que este rapaz não tem família, nem amigos, nem ninguém; apenas a ordem de saída do hospital. A família não o quer, a sociedade enjeita-o, por se tratar de um peso morto que é estorvo. Por isso, aqui veio ter a esta Casa onde se recolhe o lixo da capital e seus arredores. Aqui, em tempos muito próximos, chegava o primeiro do ano e tudo de quanto velho havia em casa ia pela janela. O Edmaro não chegou a ir porque o fomos buscar. A modalidade de assistência ao pobre incurável ainda está à espera de técnicos que a estructure, não por falta de elementos que a justifiquem, mas porque supõe um altíssimo conceito da dignidade humana e sobrenatural de todo o homem, que numa sociedade naturalista não existe.

Ora a missão da Obra da Rua continua sendo a mesma. Vamos recolhendo aquilo que anda pelas ruas. O Edmaro está, e muito bem, entre nós. Quando Beira estiver a funcionar para ali seguirá. Enquanto aqui vive, constitui a alegria dos nossos rapazes que o rodeiam de manhã à noite e de tal

Continua na quarta página

Vales do correio para PAÇO DE SOUSA — Avença — Quinzenário

10 de Novembro de 1956 — Ano XIII - N.º 331 - Preço 1\$00

Tribuna de Coimbra

Com a alegria de todos os diocesanos de Coimbra na comemoração dos vinte e cinco anos da Sagração Episcopal do Senhor Arcebispo, nasceu para os pobres desabrigados uma grande esperança.

O Venerando Prelado, num gesto muito nobre e generoso, renuncia à oferta material que a Comissão Promotora das Comemorações pretende oferecer-lhe e encaminha-a para a construção de casas para pobres e para operários ou chefes de família de classe média.

Diz o Snr. Arcebispo: «Teria a grande consolação espiritual de ter sido a ocorrência das minhas Bodas Episcopais providencial ensejo para assegurar casa condigna a alguns chefes de família que, por certo, uma vez beneficiados, me ajudarão por pensamento, palavras e obras a dar graças a Deus e a implorar d'Ele a Sua Misericórdia e as Suas bênçãos para o resto da minha vida Episcopal e para a querida Diocese de Coimbra».

No nosso pobre parecer, julgamos que foi o melhor destino para tal oferta. Os Pobres dão testemunho das grandezas e desígnios de Deus e são causa instrumental da aproximação de Deus dos que se chamam ricos. São evangelizados e evangelizam.

A riqueza de uns leva outros à miséria. É necessário que os ricos não queiram ser mais ricos, para que os pobres não caiam na miséria.

Há dias ouvi alguém de responsabilidade afirmar: «a Doutrina de hoje tem de ser prégada pelos olhos e pela boca». E umas horas antes, um ilustre Presidente de uma Câmara dos arredores de Lisboa, na cerimónia da benção das primeiras pedras para seis casas havia dito a todos os presentes: «na entrega de casas a famílias pobres temos notado verdadeiras transformações». É o testemunho. Isto é caminho de salvação.

Que todos os diocesanos do Senhor Arcebispo de Coimbra saibam corresponder generosamente ao apelo do Pastor.

Há necessidade de tantas casas por toda esta vasta Diocese! Estão tantos irmãos nossos, nesta hora de festa, à espera de abrigo e conforto!

Que este toque do Senhor Arcebispo vá ferir a todos os corações e homens de boa vontade e os deixe feridos enquanto em todas as freguesias houver uma família sem abrigo.

Que todos os párocos a quem foi confiada uma parte do rebanho se afluam com a sorte dos seus irmãos e não descansem enquanto os não virem em condições de vida humana.

Padre Horácio

Visado pela

Comissão de Censura

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Senhores! Muita atenção. Tem a palavra uma nova assinante de Lisboa:

«É meu desejo de há muito inscrever-me como assinante dessa fonte de espiritualidade que sacia qualquer alma sedenta pelo bem dos pobres — «O GAIATO». Nele encontramos um incitamento à prática da caridade para com «aquele» que passa ou vive à nossa beira e pelo qual temos tremendas responsabilidades na sua salvação».

Agora que estamos na campanha dos cinquenta mil, quero ser incluída nesse número. Com a morte do saudoso Pai Américo, acordaram-se consciências teimosamente adormecidas na comodidade e no conforto pessoal, viu-se a Luz e deseja-se fazer mais e melhor pelos outros. O egoísmo deu lugar à caridade; a comodidade deu lugar ao sacrifício; a indiferença deu lugar ao amor em muitos corações duros. Ele foi um Exemplo e portanto arrastou multidões!

Agradeço-lhe desde já o envio, à cobrança, dos jornais e de o «Barredo», maravilhosa obra de meditação para «quem» cuida dos problemas do irmão Pobre.

Coragem! e continuai com essa gigantesca obra redentora da juventude portuguesa, que em vós confia e de vós espera alguma coisa, porque lha podeis dar! A Obra é de DEUS e portanto ela não morrerá, porque Ele estará convosco até à consumação dos séculos».

Agora vêm lá umas interrogações: «Como é que vamos para os 50.000 e tenho o n.º 1454? Só há estes assinantes ou é outra série de numeração?» Prezada leitora: a numeração actual vai em 34.000. Porém, no meio, há clareiras. Cerca de 3.000. São os que se aborreceram. Os que faleceram. Os que se ausentaram e não deixaram morada e depois esqueceram-se... do jornal. Numa palavra, os «devolvidos». E daí, parte dos novos assinantes estão a ocupar o lugar dos desistentes. Fazemos, assim, há um ror de anos, para que os números sejam a expressão da verdade. Ora aqui está.

E a gente temos mais e mais e muito mais para dizer. Quem nos dera espaço! A «Campanha» é um mundo de coisas novas. Tudo nela é Vida. Assinantes de todos os distritos! Todas as grandes cidades! Muitas vilas! Quantas aldeias! Um mapa colorido. Um mapa de Portugal continental e ultramarino, feito de amor, de heroísmo, de dedicação e carinho de milhares de portugueses. E vamos prós cinquenta mil!

Júlio Mendes

Da que nós necessitamos

Não é propriamente uma procissão. Não é. Mas um lugar especial nestoutra «procissão» que há tantos anos quantos tem o Famoso ainda não parou, em favor das necessidades gerais da Obra, isso merece. Trata-se da automática, da célebre automática que há-de vir render a velha «Planeta» cansada de tirar e retirar.

Temos tido muitas cartas a condizer com o nosso pensamento. Cartas lamentando que o dinheiro acumulado para busto ou estátua não venha a ter um destino mais segundo o querer de Pai Américo. Não seria muito melhor homenagem publicar-lhe novas ou antigas edições há muito esgotadas, que multidões têm sede de ler e de guardar?... Os seus escritos não são o melhor retrato do seu espírito e não é este que mais importa conservar?!

E no entanto, não poderemos recomeçar com os livros enquanto não vier máquina nova. E ela custa cerca de quinhentos e nós estamos ainda com a Intertype entre mãos.

Ora registamos hoje a primeira grande bolada com este fim. São 12 contos que alguém de Lisboa põe em nossas mãos para o que julgarmos mais urgente. Esta, junta a outras contribuições já publicadas e a migalhinhas várias entradas nesta quinzena, quase sempre de sobras de assinaturas, deixam a automática em: 500—13 = 487 contos.

Mais fita de serra de uma empresa de Ovar, que não é a primeira vez e 800\$00 dos empregados e operários dos Lanifícios de Lordelo.

Além-mar marca presença. É o Brasil, com 1.500 e mais 344 por intermédio do Jornal de Notícias. E é África: Benguela com 225 por intermédio duma Casa de Lisboa, «importância que ficou em saldo duma compra que nos fez»; Beira, 100 da Maria Bertina e metade de Lourenço Marques «pela cura dum filho atropelado».

Cá estão os useiros: 20\$ de «uma pecadora» e o pessoal da Adico de Avanca que desde há não sei quanto tempo vem mandando semanalmente seu vale.

Do Porto 30 «para a cancelosa mais doente» e 5 «pelas melhoras de meu filho».

A filha de Agostinho e Laura descanse que a Missa foi celebrada. Outro tanto se diz do sobrinho da «Tia Guilhermina», de Lisboa.

De grupos excursionistas é uma torrente. Eu sei que todos aqui queriam ver seu nome e importâncias. Mas são tantos, que nem guardamos memória de todos que nos visitam e acabáramos por cansar os senhores com o relembrório.

Aí vão alguns e os que se não encontrarem, descansem que tudo foi entregue. É Ihavo com 85 e o mesmo do grupo de Caravel de Gaia e um pouco mais dos Tarcísios e 200 das empregadas dum «atelier». Um

grupo da praia do pescador, Matozinhos deixou 170, os Amigos de Cedofeita 210\$, os de Covas, este número ao contrário, 500 da Banda Marcial da Foz do Douro e outro tanto dos empregados da Casa José Vale.

Cinquenta, «com uma intenção especial» de Vilar do Paraíso e 1.410\$ recolhidos na Rua Luiz de Camões — Gaia por uma senhora que entrou com 500.

Vinte dum anónimo, por uma graça obtida. Cem «duma irmã da Gravelina», por outra graça.

Mouriscas, 100. É uma professora que os tirou do prémio da Campanha dos Adultos. «Que seja aceite por vós e por Deus». Ora aí está. Se Deus não fôr o aceitante final de pouco valerão as esmolos. «O que fizeres ao mais pequenino, é a Mim». A recíproca também é verdadeira. A mesma quantia «de uma assinante que vive no Paraíso». Oh feliz! Mas será de acreditar? Sim, pode-se viver,

no Paraíso, neste vale de lágrimas. Como? Pela Esperança.

Mais 20 do Porto e mil de uma senhora inglesa e o que foi dar ao Depósito dos Clérigos e um vale das alunas dum Colégio de Valença do Minho. E meias de Famalicão que são um regalo e calçado de Abrantes e de Gaia. Este último é um Pai que manda os seus recados «a pedido de meu filho de dois meses». Não sei o que mais admirar: se a precocidade do filho no exprimir-se, se a inteligência do pai no entender.

Cinquenta em nome de S.ta Filomena e menos vinte de um que estava desempregado há anos e já não está.

Mais o senhor Doutor da Quinta de Arozelo com os 50 litros de azeite do costume. Outro useiro!

E 500 pedindo que «os seus rapazinhos rezem por mim que me encontro gravemente doente». Ora quatro vezes ao dia eles rezam pelos nossos benfeitores. Descanse, pois.

CALVÁRIO

irem preparando seus ouvidos para «ouvir».

x x x

De resto, entre os leitores não faltam já os «tocados» que, do seu lugar e a seu modo, vão fazendo as pedras desta Obra.

Princípio pela Capela. Um turbulo, um cálice, um jogo de sacras. E uma riquíssima capa de asperges branca de quem já nos tinha dado outro rico paramento.

As nossas Capelas de Beire começam a ter recheio. Faltam ainda paramentos de Missa: preto, roxo, verde, branco. A simplicidade magestosa das nossas Capelas, pede que eles sejam sóbrios, mas belos e bons.

No Espelho da Moda 100 e 250, com outros 250 pró Património, além de outros donativos em carta.

Trazidos da última venda, 50.

O Calvário começa a ter os seus contribuintes certos. 100\$00 «referente a Outubro» do já conhecido «Amando os homens por amor a Deus por inspiração do querido Pai Américo» e 20\$ do mesmo mês, «duma doente para doentes».

Visitantes deixaram 100\$ e 20, e roupas e mais 100\$ e não sei quanto mais aquela esposa e mãe também conhecida, que pede a conversão do marido e filha e 5 filhos. Assina-se sempre: «Alguém que muito quer à Obra e pouco lhe pode dar». Engano! Quem quer muito, já dá muito!

Agora chegam notícias por carta. É Lourenço Marques com 500 e Figueira da Foz com 100\$ «para essa extraordinária Obra de Amor a Jesus Crucificado, no pobre doente incurável». E Porto com 50 de uma modesta funcionária que já deu sozinho uma Casa do Património e está disposta a continuar.

Cem de Matozinhos; 50 «pelo nascimento do meu primeiro filho, com desejos ardentes de que Deus me conserve e faça dele um verdadeiro homem». Mais do Por-

to 50 e 20. Escarigo, 20. Ihavo, mais 15 que Escarigo. Marinha Grande o resto da assinatura. Vila Real 30 e o mesmo para o Património. E 50 de Matola. Outro tanto «em acção de graças pela miopia da minha filha não adiantar». E o dobro do que escreveu «Uma Carta». Façam favor de lê-la e cumprir.

Criaditas dos Pobres

— Continuação da 1.ª página —

E o seu Anjo, o Anjo da pequenina grei religiosa, vai tomando as obras delas em Sua mão e oferece-as a Deus como louvor agradável.

Que dia feliz elas escolheram para começar no Porto o seu trabalho! Não foi de propósito e, no entanto, as palavras que a Igreja nos dá hoje são uma aprovação e um preságio bom.

A festa foi como Pai Américo a projectara, ao jeito dele e delas. Missa às 8 horas na Paroquial de Miragaia. Doutor Braga da Cruz assistiu como parente e grande amigo da «Mãe» Carolina. Pai Américo assim desejava. Depois, foi o cafézinho muito quente e bom, com pão e manteiga vindos da América.

Quando a Capelita delas estiver pronta, então será a inauguração oficial, sem fitas nem foguetes, mas outra vez em roda do Altar.

Facetas de uma Vida

— Continuação da 1.ª página —

Wirth, e fizeram dele o grande Padre Américo, cujas obras perpetuam a glória do seu nome.

Se a saúde der licença e não me faltar a paciência em rebuscar lembranças passadas, acrescentarei ainda alguns novos episódios a ilustrar um período da vida do Padre Américo.

† RAFAEL, Bispo de Limira

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

—Nos escritórios da Tipografia ainda se encontram alguns exemplares do livro «Barredo». Deseja-o? Então apite enquanto é tempo.

Pessoa muito amiga pede-nos para apelar para os amáveis leitores que tenham o primeiro volume do «Isto é a Casa do Gaiato» e os números do «Famoso»: 1, 10, 24, 44. Quem levanta o dedo?

—O Diário da Tarde, já está impresso? É a voz corrente da nossa aldeia e de alguns rapazes das outras Casas. Referem-se à Voz dos Novos. Nós, os da redacção, ficamos todos satisfeitos. Até julgamos que somos alguém nesta altura. Estejam descansados, pois o próximo número vai entrar no prelo e sair todo «tirone»!

—Selos. Quem manda? Novos, velhos, usados. Do continente e colónias, do estrangeiro. São para a minha colecção. Já há muito que não tenho falado neles nesta coluna, por isso os ilustres amigos já devem ter por aí muita coisa. Permitam-me que agradeça muito particularmente ao senhor Agostinho Ricon Peres, do Porto, Sr. Dr. António Napoleão Vieira e Sousa, Digno Chefe da Alfândega de Luanda, uma amiga da Obra, de Coimbra e Geny Costa, do Belo Horizonte, Brasil.

Muito obrigado a todos.
—O «Sediolo», irmão do Manuel Henrique, é o nosso forneiro. Todos os dias peneira, aquece a água, amassa, deita e tira o pão do forno. O moído eléctrico não pára de trabalhar, e os «batatas» de trazer lenha da mata. Isto todos os dias. Todos os meses. Todos os anos.

Quando cheira a pão quente os que têm as obrigações mais próximas começam logo a rondar a porta, mas o «Sediolo» não vai no paleio. Pega na pá do forno e: «Quem se aproximar, come!» Só na refeição é que vos dou boroa. Quem abusar vou dizer ao chefe! Este quadro também se repete variadas vezes, mas não fazem farinha, pois o «Sediolo»: «Ide trabalhar. Nem mereçais o que comeis». Mas ontem as coisas estiveram tremidas, pois a «troupe» do «Zé Caracás», esteve para lhe pôr o corpo de molho. Por fim as coisas lá se acjeitaram, mas ele agora põe-se mais a pau com a escrita!...

—Mais gente. Muita gente. Sempre dela. De todos os lados e por todas as vias de transporte. Passam por aqui os mais variados grupos excursionistas «Tripeiros da Triana», «Rouxinistas da Beira Rio», «Nós vamos e o serrote fica», «Não posso viver sem ti», «Os amigos do verdinho», «A vida anda para trás», «Os Amigos da gota», «Os Azelhas de Aguada», «Os Amigos do Gaiato», «Os santos da minha rua», «Maria da Fonte», «Um dia a pão e água», «Come a carne e deixa os ossos», «Dai uma mão ao manquinho», «Sigam atrás de nós», «Não viste o que era bom», «Não fiques por estes lados», «Olha o balão, laranjinha!...» «Amigos do Pagode», etc., etc.

A todos estes agrupamentos recreativos, os mais sinceros agradecimentos da grande família dos Gaiatos. Cá esperamos vossas novas visitas e que tragam as carteiras quentinhas, pois o tempo vai bastante fresco.

—Quanto à Biblioteca, estamos bastante mal. Poucos livros e revistas. A este respeito os senhores pouco ou nada se têm preocupado.

Vamos lá animar esta coisa. Têm a palavra os senhores!

—Teatro. O Corpo Cénico vai começar com os ensaios. Já escolhemos novos actores, que parece virem animados o melhor possível. Tencionamos levar à cena: «O Comandante abaixo de Deus» e «A entrada do Mestre Domingos para o Asilo».

Por hoje mais nada, a não ser os cumprimentos do

Daniel Borges da Silva

BEIRE

Amigos leitores. É a primeira vez que me encontro a falar para o «Famoso».

—O nosso cronista habitual foi para Paço de Sousa, ficando agora eu a fazer o que ele fazia. Não sei se os Senhores me conhecem. Sou o senhor Zéquita pelo meu apelido. Sou o que faço o comer para dez pessoas. Portanto, ficam sabendo que sou cozinheiro.

Nós aqui estamos poucos, devido à Casa ser pequena e não poder com-

portar mais rapazes. Temos cá constantemente muita pobreza. Eles chegam a cada momento, e eu que sou o primeiro a recebê-los, vou dizer à Senhora: Ó minha senhora está ali fora um Pobre que quer esmola. Ela aproxima-se dele e pergunta:

—Então o que deseja?
—Uma esmola.
—Donde é?
—Eu sou daqui perto.
—Então pegue lá.

—Nós cá tínhamos muitos perús e perúas, mas vendemos tudo, menos um casal. Quando o senhor Padre Carlos soube, ficou muito triste.

—A nosso vindima foi muito animada porque era muita gente. À noite tivemos comer melhorado, no qual fizeram parte muitos dos operários. E no dia seguinte os nossos rapazes foram para a de Paço de Sousa.

—Uma coisa que eu desejava era uma telefonia, porque a nossa que veio de Paço de Sousa, já está muito acabada. Não se esqueçam de dar um jeitinho, sim?

—Visitem a Casa de Beire, bonita como ela é, até dá vontade de a ver muitas vezes. Anda em obras o «Calvário», mas mesmo assim não deixa de ter graça. Encontrarão à entrada e ao dispor de todos os visitantes o tão falado «General». Esperamos por mais visitantes, todos os dias, mas principalmente ao domingo.

E com isto desejo que os leitores fiquem contentes com a minha crónica. Até breve.

Zéquita

SETÚBAL

Na altura em que escrevo esta crónica, está quase a terminar a nossa ceifa do arroz. Mais um dia e tudo estará acabado. E já não é sem tempo, dirão os rapazes de Miranda que aqui nos vieram ajudar, pois nós somos poucos e pequenos. Eles estão mesmo mortinhos de saudades da sua alegre Casa de Miranda. Mas quem as não teria? Eu próprio já de lá vim quase há um ano e ainda sinto. Já lá diz o ditado: Não há amor como o primeiro! Temos trabalhado até às tantas da noite a ver se conseguimos recolher o arroz todo enquanto está bom tempo. Mas quem trabalha de gosto e por amor não se cansa. O que nos tem valido é termos máquina nossa, caso contrário ainda para o Natal teríamos arroz na terra. Se os cálculos não falharem devemos ter perto dos 40 mil quilos. Mas 20 mil são para as Casas. Já viram os leitores, que a Casa mais nova está a fornecer as outras todas? O pior é a despesa que tivemos de fazer!

—A nossa Casa agora tem, sido muito visitada. Os setubalenses já a começaram a conhecer e a amar. Ainda bem. Custou mas agora estou plenamente convencido de que a hão-de amar cada vez mais. E não se arrependem disso estou convencido. Alguns senhores têm sido mesmo incansáveis para connosco. Os outros que me perdoem mas não posso deixar de citar aqui o Senhor Quaresma e o Sr. Afonso Rocha, amigos da primeira hora, que têm sido incansáveis para que os outros nos conheçam e em angariar algumas coisas de que precisamos. Agora andam a arranjar cobertores. Já trouxeram uma remessa e já me chegaram rumores que tinham mais. Apesar de terem a sua vida, uma ou duas vezes por semana vêm ver a malta. Os rapazes à noite quando vêm algum carro começam logo a correr e gritar que vem lá o Senhor Quaresma. Bem hajam, pois. Deus lhes pague.

Crisanto

VENDA DO JORNAL

NO PORTO

Amigos, a venda do Jornal no Porto, baixou não sei porquê. Todas as vezes que eu escrevo para o «Famoso» digo sempre a mesma coisa. Eu bem queria dizer no nosso Jornal que a venda corria sempre bem, mas não posso porque todos as vezes que nós vamos vender, baixa sempre. Já pusemos mais vendedores. Vamos doze, agora vamos dezassete.

Desconfio porque os Senhores não compram. Agora todos os jornais diários subiram de preço e os senhores não compram com o mêdo que o nosso

também tivesse subido de preço. Nada disso. O «Famoso» sempre foi a um escudo e sempre custará um escudo. Quem quiser dar mais, dá; quem não quiser, não interessa. Nós agradecemos ao senhor que nos compra só por dez tostões como ao que dá mais. O que nós queremos é que a venda aumente sempre cada vez mais. O que importa é a leitura que nele vai encerrada.

Aqui há tempos no 3.º andar do Banco Nacional Ultramarino entraram empregados novos e os velhos obrigaram os novos a comprar «O Gaiato». É agora vê-los comprar todas as quinzenas o Jornal. Se todas as casas seguissem os exemplos desta? Isto é que era magnífico!

Braga, talvez por estar abaixo de forma no futebol, também anda desiludida e não atende ao «Gaiato». Bracarenses, ânimo e comprem o Jornal!

Agradeço ao Senhor Cônego da Igreja da Sé que falou do nosso Jornal e disse se até aqui nos ajudavam, agora muito mais nos deviam ajudar, pois agora é que verdadeiramente a Obra começa. Seu fundador partiu para o Céu onde ele pedirá continuamente pelos infelizes e desprotegidos.

Este que escrevo precisa duma caneta de tinta permanente, pois sempre que faço esta minha crónica, tenho de andar a pedir ao vizinho. Não se esqueçam, pois, do meu simples pedido.

Uma vez mais lembro que a nossa Oficina de Tecelagem continua a fornecer pano crú de dimensões de 0,70 e de 0,90.

Mário Ramos (Banana)

Notícias da Conferência DA NOSSA ALDEIA

O nosso tesoureiro diz que a despesa é muito grande. Que socorremos muitos pobres. Que não tem dinheiro! Mas ele vem tanto por esta coluna?! Vamos a números. Falam como gente. Este ano, já distribuímos pelos pobres de Paço de Sousa a linda soma de 29.358\$60. Até apetece dizer: feliz terra; felizes pobres! Em contrapartida recebemos 25.191\$60. O que feitas as contas dá um saldo negativo de 4.167\$00.

Ora quando chegávamos a estes apuros Pai Américo barafustava: «Eu é que ando. Assim não pode ser». Pois enquanto não vier o suficiente temos de ir metendo uns vales à caixa... Entretanto Senhor Padre Carlos não fica atrás de Pai Américo. Já refilou! «Vocês recebem muito e devem ter muito dinheiro». Ora Avelino disse que não. Que não senhor. E mostrou a nossa situação.

Meus caros senhores, se não acudirem, a gente não sabe no que isto vai dar! Olhem que não queremos passar pela vergonha de cortar esmolas aos pobres. Vamos. Livrem-nos das aflições e tenham paciência.

O QUE RECEBEMOS

Uma assinante de Lisboa pede orações e manda 20\$00. Os Comerciantes de Curtumes vieram à nossa aldeia entregar o produto duma subscrição e não esqueceram os nossos Pobres: 210\$00. Adolfo José da Fonseca, 200\$. Assinante 7.545, 100\$00. Uma admiradora da Obra, 20\$00. E o «Bébé» n.º 3 paga as cotas de Maio, Junho, Julho e Agosto com 40\$00. Chegou agora o Augusto com 100\$00 duma visitante anónima. Leopoldina Pereira, 40\$00, «cotas de Setembro e Outubro». Atenção Pias: «50\$00 e mais 50\$ oferta dum simpatisante da Obra da Rua, professor do Liceu de Braga, que desta maneira deseja manifestar o seu contentamento por ter recuperado um anel de estimação, perdido enquanto estava em Melgaço e que eu achei». Manuel Jesus Diogo, 10\$00. Senhora (ou menina?) A. F. os costumados 20\$00. O «Bébé» n.º 3 quando falta, depois recupera; aqui vão as cotas de Setembro e Outubro, 20\$00. Assinante 7.696, 50\$00. Que elegância no dar! Quem será? Assinante 14.141, 50\$00. Anónimos da Murtosa 290\$00. Que felizes por os termos recebido cá! Muito obrigado pela visita. Um empregado do «Comércio do Porto», 20\$00. Rosalina Lopes de Castro, o costume. Assinante 26.374, 10\$00. O dobro de Vila Real com o pedido de «uma prece dos Pobres ao Pai Américo pelo refrigério para as minhas dores que há três anos duram». E mais nada.

Júlio Mendes

Chales de Ordins

Angola entra magoada. Ora vejam: «Tenho lido no «Gaiato» a campanha a favor dos Chales de Ordins e creiam que tenho imensa mágoa de viver numa terra de clima tão quente, onde nada posso fazer para auxiliar essa campanha». E vem por um pequenino. Para consolar tanta mágoa, direi que há legiões de pobres com frio. Barredo. Xangai. Fontainhas, etc. Quem se lembra?

Um médico amigo veio até cá dar-nos um abraço. Deixou 70 por um dos pequeninos. Ainda do Porto 120 para um dos grandes. E para o correio? Fica assim lesada a tecedeira. Lisboa fala noutro tom. Envia 300 para dois dos grandes, sendo um com o formato de manta de viagem. Portalegre com 70 um dos pequenos para amostra. Vila Nova de Gaia um médio. Agora é a vez de Abrantes: 100 para um médio. A África Portuguesa não fica atrás da Metrópole. Envia 150 para mandarmos um dos maiores para Carrizada de Ançães. O excedente foi para a Conferência do Lar do Porto. Mais uma maneira de curar as mágoas.

As Religiosas Enfermeiras do Hospital de Nazaré voltam, de novo. Agora é um pequenino. Querem-nos «ajudar nesta grande empreza» e não descansam. Parecem elas as interessadas. É assim a Caridade. Chegam, agora, outra vez, as Religiosas do Colégio de S. Gonçalo de Amarante. Começam por dar graças a Deus pela nova encomenda e enviam-nos um vale com 580 para dois dos grandes e 4 dos pequenos. Lisboa viu, gostou e encomendou um grande. «Se pessoas das minhas relações gostarem, farei mais encomendas». Isto é admirável. Da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo com 70 um dos pequeninos. Melres, idem. Covas do Douro com 100 um médio.

Uma senhora de Madalena de Gaia lembra-se duma netinha com um chalinho, enviando 70. «Tenho mais netinhos a quem oferecer». Quere dizer: ficarão a chorar, quando o correio chegar e o m s ó chale. Mas há maneira fácil de os ter caladinhos. É com Chales de Ordins.

Uma senhora estrangeira festeja o 80.º aniversário duma sua amiga. «Não encontrei nada mais adequado do que um destes formosos chales». Vila de Rei vem com 130 pelo se-

gundo, também para oferecer.

«Gostei muito do primeiro». Um médico de Viseu com 70 quer um pequeno. Porto de Mós 75 para outro igual. Quintás (Beira Baixa) aproxima-se com 200 para um médio e outro pequeno. Há um acréscimo de 40\$00. Onde se faz isto no comércio? Logo, não o negociamos com chales, nem com nada.

O Porto cá vai com 3 grandes. Lisboa junta-se com 70\$ para um de 60 e «mil prosperidades para o vosso artesanato e que muitos se fundem e progridam». Com 100 segue Vila Fernando para um de 90. É Guarda fria. Mais dois médios para a mesma localidade. Figueira da Foz um.

Vila Real segue na primeira linha e é uma paralítica: 100 para um de 90. É a segunda doente que faz do leito um púlpito e fala dos Chales de Ordins e do amor do próximo. Que todos vejam nela Cristo Crucificado.

Canas de Senhorim vai aqui a gritar: «continuarei a fazer propaganda». Envia 200 para dois médios, sendo um para Lisboa e outro para a Guarda.

Torres Vedras enfileira com 100 para um de 90 e Coimbra com um dos pequenos. Mangualde, idem com 70. Gafanha da Nazaré, idem, prometendo ser propagandista. Outeiro de Ferreira de Aves segue com um grande e um médio. «É natural que depois de serem conhecidos haja novas encomendas».

«O chale que há pouco recebi na Abrunheira é lindíssimo; a menina a quem ofereci está encantada com ele». Resultado: mais dois grandes. Do Seminário de Vinhais escrevem-nos: «Já vi os dois lindos chales brancos que mandaram para o Carmelo da Sagrada Família, de Moncorvo». Resultado: mais 7 grandes e um médio.

O inverno vai ser uma enchente. Os senhores ajudem, simplificando-nos o trabalho, cumprindo o que no último jornal pedíamos. Direcções legíveis, só com o indispensável. As informações pedidas sairão sempre no «O Gaiato». 125\$00, 95\$00 e 65\$00.

Padre Aires

Adquira o livro

«BARREDO»

Pedidos à Editora - Tipografia da Casa do Gaiato - Paço de Sousa

UMA CARTA

«Fui operado. No meu quarto um crucifixo e a fotografia do Pai Américo. Era o Calvário. Com as minhas dores eu estava nele. A custo, rezava ao Pai Américo. Prometi dar as sobras do que reservei, se tudo corresse bem. Assim foi. Vão parte delas. Outras para outros que também conheço. É para o «Calvário» por ser sobras do meu Calvário.

Todas as noites se dão «graças» em minha casa. Eu sou o chefe de família. Rezo sempre assim:

«Ao Pai Américo para que livre nossos filhos do perigo da rua...»

Pai Nosso

Avé Maria».

Recomende isto a todos os chefes de família. Na Escola também assim, ao Professor. Pai Américo ouvirá».

VISTAS DE DENTRO

*** Há pouco pedi um favor a um pequenino chefe. Ele declinou: «Não posso. Tenho de ir deitar os meus rapazes».

«Tenho» — significa dever. «Meus» — significa posse. Quem diz posse diz amor. O lixo das ruas dando ao mundo lições de amor no cumprimento do dever!

Sim, a nossa vida não é só rosas; tem uma Cruz dobrada. Mas quem a troca por outra, singela, se quanto mais Cruz mais amor?!

*** Ora aconteceu que contando ao Chefe maior este episódio, recebo dele o banho de água fria. «Pois sim! Nessa noite foi lá na Casa o fim do mundo à travessurada!»

Mas, a «travessurada» ainda não é tudo, nem o pior. Dias depois houve de se ir levar alguém ao Porto, após o jantar. Uma turma deles esperava-me à saída do refeitório para pedir boleia. No grupo que pediu primeiro lá estava ele, o do «que tenho que ir deitar os meus rapazes». Eu não

Américo aqui contou há meses.

Um dos officios é o de piquete no domingo. Outro dia foi o Areosa. Areosa é um rapaz de 15 anos que a saída do Carlitos pró Tojal promoveu de «sub» a chefe interino da Casa 4 de baixo. Eu não sabia da sua nomeação para piquete e quando dei fé fiquei admirado. À noite chamei-o. Perguntei-lhe os casos do dia. Se tudo tinha corrido bem. «E então os maiores pediam-te licença para sair?» Que sim senhor!

Ora muito bem. O piquete dos domingos é o chefe supremo naquele dia. Tudo lhe passa pelas mãos. Se quinze, se vinte anos; se Pedro, se Paulo — isso não interessa. Tudo deve passar pelas suas mãos. E passou mesmo!

Ora digam lá que isto não é de facto uma desorganização organizada!

*** Há dias dei uma volta em torno da quinta. Do meio dum milheiral saía uma voz cristalina de criança cantando algo que ao mesmo tempo era

parâvelmente maior. Os cedros, os plátanos, as casas, o cruzeiro, a capela são mais sugeridos que mostrados pela luz que o nevoeiro difunde. Há um ar de irrealdade. As coisas parecem desprendidas da terra e moverem-se de encontro à nuvem que na verdade corre.

A matéria sugere com rara eloquência o espiritual.

E a gente esquece-se do sol abrasador do meio-dia ou da chuva e do vento que fustigam. As lutas e as dores da vida, parece que se desprendem também e fogem de nós vagarosamente.

Que bom momento o que passa! Como a coragem revive! Como se revigora o amor à vida e à luta e às dores que voltarão amanhã! E do nosso coração sai um Bendito Seja Deus irremovível, por todas as Suas obras que O bendizem.

*** A grande sobrecarga de serviços e de responsabilidade obrigou-me a tomar um secretário. É o Tomar I, o Joaquim Bonifácio. Estamos trabalhando os dois vai para um mês. É assim. Vêm as cartas, eu ponho um despachozinho e ele responde e arquiva.

Das respostas não sei as queixas que os senhores terão. Do arquivo eu tenho já umas razõezitas.

Mas ainda assim, as coisas não vão correndo mal. Pelo menos ainda me não desajudou, como eu — confesso aqui! — cheguei a temer.

No que eu agora me «vingo» é nas «calcinhas» que ele outrora prometia dar-me quando me via esrever à máquina, pescando as letras. «Eu dou-lhe umas calcinhas»...

Pois agora sou eu quem lhas dou, que aquele nem com toda a sua arte dactilográfica me dá vasão!

Ora muito bem feito, senhor Bonifácio, para não andar fazendo pouco dos pobres!

*** «Quem me avisa...»

Os Senhores não caíam em aparecer por aí de Kodak à vista! Há aqui uma forte organização de ataque aos amadores de fotografia.

É assim: Visitante aparece. A malta chega-se, namora, pede um retrato e «posa». Mal ele tirado, correm todos a entregar um bilheteinho previamente escrito com nome e morada. Resultado: Pela semana em fora são cartas e cartas muito gordas, carregadas de fotos. Tantas quantos os retratados.

Os Senhores acatelem-se!

*** Padre Aires é o maior acaçador que já apareceu de baixo do sol.

Há tempos, passou uns dias em Beire a refazer forças. Andou à vontade.

Mirou o que quiz. E agora? Ora leiam por favor.

«Senhor Ramiro de Beire.

Vai assim para D. Sofia ler e também comprar. Assim são dois coelhos com um só tiro.

Mande-me uns poucos de feijões de vagem, dos rasteiros, para o meu quintal, sim? Mais que este, um favor



«Sedicioso», o da borou, o homem de quem fala o Daniel.

maior: Vi aí muitas flores. Deve ter muita semente. Nem toda se gastará. A que sobejar, Ordins com ela. Cá a espero. Ordins será um recanto do paraíso. Ora mande sementes, por favor.

Padre Aires

P. S.: Se o Senhor Padre Carlos ralar, deixe lá. Ele é o culpado. Quanto mais cadeias a prender, mais sangue no desprender. Ele é o culpado.

E esta, hein!?

*** A esta hora é música por todos os cantos. Já ontem assim foi. Eu estava na Capela com o Breviário e nem me podia concentrar com o salsifré cá de fora.

Sejaquim mai-los seus preparem a festa de Cristo-Rei. Os da minha doutrina, que são os maiores, como eu não tenho podido dar aula e o tempo a pete e e, empoleiram-se nas duas sacadas das Escolas em descantes.

E assim desprevenidos, eu apanhei muitos «rouxinóis» ignorados, que hei-de mobilizar na primeira ocasião.

*** A oficina de impressão já é crônica em deslizos disciplinares. Volta e meia Júlio vem por aí acima desabafar, mas hoje é que foi.

Coelhos. Coelhos na oficina de impressão. Apesar da mixomatose e dessas «oses» todas que têm desbaratado a raça, aqui ainda há coelhos com muito boa saúde, graças a Deus. De há muitos anos que os coelhos são cá em casa sujeitos de propriedade particular. São os columbófilos para aranjarem dinheiro prás pombas. É o Manuel Coco. É o Relhas. É o Guilhufe.

Pois este mesmo, que é oficial na Tipografia, pegou nos seus e levou-os para o pé.

Resultado: Máquinas paradas; Guilhufe e companheiros a cuidar dos coelhinhos; os clientes a protestarem com pressa nos trabalhos; e eu a aturar isto tudo e ainda por cima as lamentações do Júlio.

*** Agora por coelhos.

Eu fui há dias a Lisboa. Ia de comboio, que é muito mais descanso. Porém, do Tojal era um coro de súplicas. «Traga frangos de Beire, que a Senhora é que os criou. Traga perús. Traga os garnizés. Traga pombas. Traga as taças, ganhas pelas pombas nos últimos concursos».

E eu tive de ir de carro. Do carro não, de «Arca de Noé».

Como se a viagem para lá não bastasse, a já aqui muitas vezes falada «Senhora da Cozinha», que passou para Beire e está em «comissão de serviço» no Tojal, ainda me carregou com um caixote de tigelas para a «sua» casa de Beire.

Vejam os Senhores como estou acabando em carreção!

*** Na nossa Tipografia há uma máquina a pedal. Ora sucede que muitas vezes falha a luz, sobretudo ultimamente, com esta invernia que tem sido. Numa oficina electrificada, uma máquina que o não é deve ser o recurso de tais momentos. Pois o nosso ilustre tipógrafo de fachina àquela máquina na hora da falha não entende assim. Pensa ele, que «se há moralidade, devem comer todos» e vai daí, para também de dar ao pé. De modo que temos a paralização total. Ora vejam os senhores a solidariedade prá preguica na Tipografia da Casa do Gaiato!



«O trabalho das crianças é pouco. E quem o não aproveita...»
Este é um dos segredos da Casa do Gaiato.

me lembrei do encargo e disse que sim. E ele foi. E nesta noite não teve que ir deitar os seus rapazes!...

Ora eu podia rasgar a primeira notícia, ou não escrever a segunda. Podia, mas não faço. Ponho aqui as duas pela ordem que foram. Mostro o verso e o reverso da medalha. Sem as duas faces ela não é. E assim os senhores ficam a saber melhor que isto é a Casa do Gaiato.

*** Todos os sábados, à hora do meio-dia, é colocado na porta do refeitório um edital com os «fachinas» da semana. Sucede até que o chefe maior, por vezes, dá largas à sua fantasia e aparecem editais cheios dela, como aquele cântico à Primavera que Pai

AQUI, LISBOA!

— Continuação da 1.ª página —

modo e por tanto tempo que acabam por esquecer as respectivas obrigações. Em consequência, os maiores a todo o momento clamam porque os colarinhos não estão em condições. Mas que importa andarem eles com os colarinhos amarrotados, se é recebido debaixo de telha e tratado com muito amor um que o mundo regeita!?

Padre Baptista

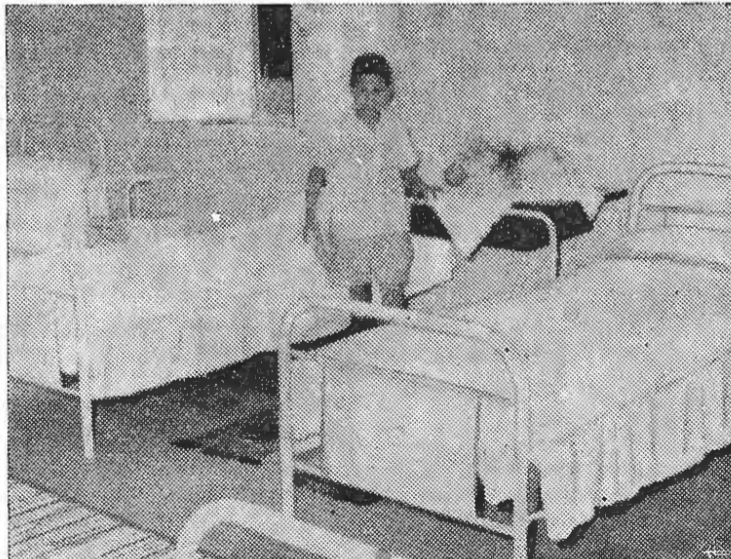
rude e suave e tinha por fim espantar os pardais. Eu não via, nem sei ainda quem era o rapaz. Mas aquela melopeia rude para espantar e suave porque saída dum boca fresca de criança, produziu em mim um forte encantamento.

Eu morro pelo mistério. Tenho um gosto estranho de não saber tudo de cada coisa. Se visse o cantador talvez se me associasse uma qualquer lembrança triste de faltas em que ele fosse useiro... Assim, sem saber quem era, saboreei somente o doce duma voz ingénua e cristalina soltando uma canção rude e suave com o fim tão singelo de espantar pardais.

*** Ainda por mistério, eu falo aqui da beleza quase irreal da nossa aldeia em noites de neblina. Então se é luar, não há palavras.

Hoje é uma noite assim. Da varanda do escritório de Pai Américo escuta-se o correr da água que sobra do nosso depósito.

Nas casas desapareceu todo o ruído. Agora é o eco da terra tudo quanto se ouve. Nos cunhais das casas as lâmpadas acesas revelam coroas circulares que se esbatem até à penumbra. A lua da mesma sorte, mas com uma amplidão incom-



Aqui Hospital — Casa pouco habitada, graças a Deus, e por isso o «luxo» das Senhoras.